



## **A FOLIA DA CIDADE-FLORESTA: Patrimônio do Afeto e Lutas pela Memória em Melgaço-PA**

*Agenor Sarraf Pacheco<sup>1</sup>*

### **Primeiras Palavras**

No mundo oriental, os objetos jamais foram vistos como os principais depositários da tradição cultural. (...) mais relevante do que conservar um objeto como testemunho (...) é preservar e transmitir o saber que o produz, permitindo a vivência da tradição no presente (SAN'ANNA, 2009, p. 52);

A história de Melgaço, no arquipélago de Marajó-PA, confunde-se com a presença do Arcanjo Miguel e sua mais tradicional manifestação de fé, *a folia de São Miguel Arcanjo*, padroeiro do município. A chegada desse santo em terras batizadas por padres da Companhia de Jesus, nos primeiros tempos da colonização da região marajoara, 1659, como Aldeia Guarycuru, é controversa. Há duas narrativas que, de maneira distinta, contam a história do anjo da história em Melgaço.

A primeira, com foco exógeno e colonialista, assinala que o santo veio na bagagem de Miguel Siqueira de Cardozo, colono português, responsável pela administração da antiga aldeia de denominação indígena, Guarycuru, transformada em vila de denominação portuguesa, Vila São Miguel de Melgaço. Miguel teria nascido dia 29 de setembro, data em que se celebra o oráculo sagrado, portanto, São Miguel seria seu anjo protetor. A segunda narrativa, com foco endógeno e transcultural, narra que São Miguel foi encontrado na frente da atual Igreja da Matriz em Melgaço. Na época, era um corpo santo, depois foi mandado a Portugal de onde veio, posteriormente, a imagem para substituí-lo. Nos primeiros anos de fundação, quando o santo foi encontrado ele insistiu para não deixar o povoado ser transferido para o outro lado da baía de Melgaço, em localidade denominada Pacoval.

Pela tradição oral ficamos sabendo que a chegada do santo fez nascer, tempos depois, a devoção e a peregrinação com sua imagem. Não sabemos o momento exato em que a folia passou a ser organizada com seus integrantes, mas considerando a história de santos e folias que desembarcaram no Brasil colônia, não é de se duvidar que a folia de São Miguel Arcanjo

---

<sup>1</sup> Doutor em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); Realizou Estágio Pós-Doutoral em Comunicação, Cultura e Linguagens na Universidade da Amazônia (UNAMA); Professor da Universidade Federal do Pará (UFPA), atuando na graduação de Museologia e nos programas de Pós-Graduação em História Social da Amazônia e Antropologia. E-mail – agenosarraf@uol.com.br

pode ter iniciado sua peregrinação já no século XVIII. Em diálogo com Bernardo, conhecido como Noronha, descobrimos que a atual folia é herdeira da criação de seu pai ainda no século XIX. De lá para cá, a folia com São Miguel tem percorrido e acompanhado vários momentos da história sociocultural de Melgaço.

Neste texto, cruzando práticas de releitura de pesquisas anteriormente realizada sobre a constituição do espaço urbano melgacense com a religiosidade de tradição oral marajoara, adensada pelo estudo da relação *cidade, patrimônio e memória* em investigações mais recentes, procuro apreende a manifestação cultural como patrimônio do afeto do lugar. Por *patrimônio do afeto* entendo toda forma de expressões, bens, práticas que estão profundamente alinhavadas na história das pessoas, suas tradições, sentimentos de pertencimento e modos de reconhecimento.

No desenvolvimento do enredo, tento acompanhar experiências vividas e sentidos construídos por foliões nas artes de peregrinar e cantar em fronteiras físicas e simbólicas do Marajó em sua porção ocidental. As motivações para a escolha da temática de estudo apresentam-se na relação afetiva com a folia, desde março de 1983, quando minha família passou a residir em Melgaço. Nessas mais de três décadas, tornei-me devoto de São Miguel e pesquisador da folia, estranhando o familiar e questionando sentimentos, sentidos, mudanças e continuidades. Soma-se a isso a experiência de ensino na área de História, Museologia e Antropologia em cursos de graduação e pós-graduação na Universidade Federal do Pará explorando faces, perspectivas e conflitos do patrimônio cultural em circuitos amazônicos. Igualmente, a experiência do trabalho realizado em 2013 e 2017 com alunos do Curso de Especialização “Patrimônio Cultural e Educação Patrimônio” da Faculdade Brasil-Amazônia em Belém, quando tive a oportunidade de ministrar a disciplina “Patrimônio Imaterial, Memória e História” e entrar em contato com a lista de bens registrados do patrimônio imaterial brasileiro pelo IPHAN. Imediatamente as memórias da folia de São Miguel Arcanjo vieram à tona, juntamente com a preocupação com o registro da manifestação. Tais investidas, permitiram interagir com importante produção intelectual em torno desses conceitos, aguçando visões e formas de abordagem. Igualmente, o desenvolvimento das atividades do projeto “Cartografia de Patrimônios: Representações Oficiais e Populares na Amazônia Marajoara (1960-1988)”, financiado pelo Edital Universal do CNPq em 2014, ajudaram não apenas a ampliar o acervo de novas fontes escritas, visuais e orais acerca de práticas e tensões do patrimônio cultural

(VELHO, 2006) de espaços urbanos marajoaras, como também revisitar, repensar e problematizar anteriores produções acadêmicas, vislumbrando a invisibilidade de objetos, saberes e sentidos que carregavam como patrimônios do afeto, até, então, não explorados. Por isso, na parte final, analiso vivências e lembranças da chegada da folia na cidade, narrada por devotos, abro possibilidade para discutir a folia de São Miguel Arcanjo como um patrimônio cultural ameaçado ao desaparecimento, em função do processo de envelhecimento e morte dos agentes e únicos detentores desse bem cultural e a inexistência de uma política municipal, estadual ou federal de salvaguarda, popularização e transmissão dos saberes da cantoria e usos de seus instrumentos musicais. Nesse sentido, poderíamos pensar o folião como o principal patrimônio da folia, o que nos levaria, em consonância com Abreu (2009, p. 93), dizer: “a patrimonialização de pessoas é a tentativa de representar uma totalidade discursiva relacionada a dois conceitos fundadores: humanidade (global) e nação (local)”.

Por esses enredos, nos últimos sete anos, passei a estudar, pesquisar e refletir, de maneira mais detida, a relação *cidade, patrimônio e memória* nos circuitos de cidades-florestas marajoaras (SARRAF-PACHECO, 2006; 2016) em práticas, saberes, sociabilidades e conflitos vivenciados por diferentes agentes socioculturais que habitam a região. As experiências docentes e de pesquisa permitiram interagir com importante produção intelectual em torno desses conceitos, aguçando visões e formas de abordagem (CHOAY, 2001; HARTOG, 2006; FONSECA, 2009; GONÇALVES, 2009; POULOT, 2011).

Um dos temas emergentes na releitura dos percursos foi a folia de São Miguel Arcanjo, prática ancestral vivida pelos moradores dos espaços rurais e urbanos de Melgaço, no Marajó das Floresta, entre os meses de julho a setembro. A motivação para essa escolha reúne histórias e sentimentos. Começo, então, pelo campo visual para em seguida explorar o escrito, o digital e o oral.

### **Entre o Visual e o Oral**

O vocábulo folia evoca a realização de longas jornadas festivas, por meio das quais grupos de cantadores e instrumentistas visitam, durante um período de tempo determinado pelo calendário religioso, as casas, as fazendas, os cemitérios e as igrejas de um território previamente estabelecido (PEREIRA, 2014, p. 547).

Sons, sentidos e saberes de corpos negros, afroindígenas, mestiços, brancos acordam e transformam Melgaço numa cidade-floresta festiva, no segundo sábado de setembro, quando

a folia do Santo Padroeiro, São Miguel Arcanjo, depois de 45 a 30 dias de porto em porto do meio rural, rasga a baía Guarycuru. É a festa da floresta alcançando a cidade sob regência do Santo Justiceiro a reavivar esperanças de dias melhores e laços da tradição de um povo em celebração. A folia, emerge, então, como ponto de ligação do oral com o letrado, da floresta com a cidade, da tradição com a modernidade, atualizando o passado no presente, o material no imaterial, expondo o colorido e a rítmica de um poderoso patrimônio do afeto que rompe fronteiras religiosas e agrega diferentes agentes da fé, seja na participação, seja nas atitudes de respeito, práticas de autoajuda e sentimentos de pertencimento. Em sintonia com Luzimar Pereira, diríamos que “a coletividade dos participantes das folias é constituída por meio de intensos deslocamentos de pessoas, palavras e coisas” (2014, p. 546). Conectando a essa compreensão, retomei acervo de imagens produzidas pela lente sensível e esteticamente poética do fotógrafo Laercio Cruz Esteves, captada durante a expedição Guarycuru, realizada no município de Melgaço, entre os dias 31 de outubro a 03 de novembro de 2013.



**Imagem 1:** Humano e não-humano em conexão. Acervo de Laercio Cruz Esteves, 2013.

Na fotografia selecionada e acima apresentada, corpo e tambor do folião em simbiose profunda parecem desadormecer a memória social e um rio de histórias de festas, ritos, mitos, pedidos, agradecimentos, choros, risos, sociabilidades e conflitos desagua-se em nossos horizontes imaginativos. A veneração ao santo é antiga, possivelmente interliga-se ao desmonte

da aldeia e o nascimento da vila São Miguel de Melgaço, já nos setecentos. De lá para cá, a prática foi mais forte do que a evidência documental e São Miguel, maior líder político e patrimônio afetivo de todos os tempos do lugar, apareceu em escritos do século XIX, puxado por grupo de negros cantadores que ouviam pregações bíblicas e “ia botando aquilo na cabeça”. Nascia, então, pelos consistentes fios da "tradição viva", as sete cantorias conformadoras da identidade peregrina, entre rios e florestas, terras firmes e várzeas, do santo guerreiro no colo de foliões e devotos. Vale lembrar, como assinala Portelli (2016, p. 19) que “assim como a memória, a própria narrativa também não é um texto fixo e um depósito de informações, mas sim um processo e uma performance”.

Diferente do que aconteceu na maioria dos municípios marajoaras, em Melgaço, a folia de São Miguel vestiu-se com a poderosa espada do "anjo da história", por isso não foi derrotada na longa guerra cultural entre o catolicismo devocional e o catolicismo romanizador dos séculos XIX e XX (BEOZZO, 1997; ABREU, 1999). Nas experiências vividas entre religiosos e populares, no entanto, o controle eclesiástico (MAUÉS, 1995) revelou força e fragilidade, contradições e complementaridades. Nesse sentido, alerta Gaeta (1997), o sagrado e o profano, o oficial e o popular devem ser compreendidos em seus contextos e sentidos atribuídos pelos diferentes agentes históricos que dele participam.

Nessa teia de afetividades e conflitos, Manoel Tavares recupera saberes do nascimento da folia em Melgaço. “Isso vem de longos anos, do começo da criação. Na bíblia tem uma parte onde Jesus está que aparece o estandarte da bandeira”<sup>2</sup>. O folião correlaciona tempos distintos e lugares diferenciados para falar da ancestralidade dessa prática social. Nessa explicação parece legitimar o papel exercido por tocadores de instrumentos confeccionados manualmente em agentes do patrimônio cultural marajoara, sacralizando a folia de São Miguel como tempo de renovação de ensinamentos bíblicos por Jesus Cristo, em suas peregrinações, acompanhadas por estandarte da bandeira de folias religiosas.

Nas linhas de Pereira (2014), pesquisadora da folia de Urucuia, em Minas Gerais, o folião é aquele que “faz e tem afeição pela folia”, canta, toca, e, por ser apaixonado pelo bem cultural em manifestação, coloca-se de expectador em outros eventos de folia, aspecto que difere de Melgaço talvez porque ali não são promovidos esses movimentos festivos. Em linhas

---

<sup>2</sup> Entrevista com Manoel Tavares, mestre sala da folia de São Miguel, Melgaço, 30 de julho de 2003.



gerais, assinala a pesquisadora: “o cantador e tocador é antes de tudo um devoto” (PEREIRA, 2014, p. 545).

As folias dos santos do catolicismo desembarcaram no Brasil junto com colonizadores portugueses que, sedentos por riquezas, embrenharam-se nas matas e rios tropicais. À medida que povoados foram se formando em torno de capelas ou pequenas igrejas, habitantes nativos da terra em colonialidade e negros africanos escravizados, envoltos em outros universos culturais e religiosos, incorporaram, seletivamente, a partir de suas percepções de mundo, expressões que imbricaram o velho com o novo mundo (WILLIAMS, 1979; ANTONACCI, 2002).

Nos escritos de Brandão (2014, p. 42) a folia atravessou muitos territórios. Iniciou pelos "salões dos nobres", adentrou “a vida das confrarias e irmandades religiosas de todo o país” e se esparramou em grupos de rezadores, tocadores e devotos. No Brasil, ela emerge no seio da pedagogia teatral jesuítica como "dramas de piedade cristã", mas deixando os templos, migra para lugares públicos, rurais e urbanos, dando fisionomia e sustentação para o catolicismo popular. O folião é um educador dos ensinamentos cristãos e dos valores morais para um viver equilibrado sob orientação bíblica. Com isso, preserva e prolonga exemplo de fé, devoção, pedido, agradecimento e orientação para o alcance da boa morte e salvação eterna da alma.

Na Amazônia Marajoara esse processo não foi diferente. A dinâmica trilhada pelos municípios que compõem o imenso arquipélago gestou ressignificações, fazendo com que em cada lugar, santos e santas e mitos de origens históricas, assumissem feitura locais. Em aldeias ou "cidades-florestas" de hoje, foram escolhidos grupos de cantadores dispostos a percorrerem lugares mais longínquos dos municípios para levarem a imagem do santo(a) escolhido(a), anunciando a chegada dos festejos religiosos. Em Breves seus habitantes festejam Santana e São Sebastião; Gurupá, a famosa festa de São Benedito; Portel, N. Sr<sup>a</sup> da Luz e N. Sr<sup>a</sup> de Nazaré; Currealinho, São João Batista; Anajás, Santo Antônio; Afuá, São Sebastião e N. Sr<sup>a</sup> da Conceição; Bagre, Santa Maria; Cachoeira do Arari, São Sebastião; Muana, N. Sr<sup>a</sup> de Nazaré; Oeiras do Pará, N. Sr<sup>a</sup> da Assunção; Ponta de Pedras, N. Sr<sup>a</sup> da Conceição, Soure, São Pedro e N. Sr<sup>a</sup> de Nazaré e em Melgaço, São Miguel Arcanjo.

A história da folia do Arcanjo São Miguel em Melgaço está intimamente ligada com a própria história de vida das populações rurais e urbanas. Na memória de seus agentes, hoje com mais de 80 anos, não é possível precisar quando de fato a manifestação nasceu. Relembrem que

há mais de 70 anos seus primeiros familiares já viajavam com o santo por diferentes espaços, rezando, cantando e colhendo donativos. Nesses tempos da memória, prosperidades e penúrias vividas pelo município sintonizam-se com formas de lutar pela vida em trabalhos nas águas e nas matas e cultivar São Miguel Arcanjo.

Pelas lembranças de Bernardo Almeida, vulgo Noronha, tomamos conhecimento de que a letra e a melodia da folia de São Miguel foi escrita por seu pai, de origem negra, Luciano Ferreira. Questionado sobre a composição dessas cantorias, seu Noronha foi sintomático: “Ele tirou da própria cabeça”, deixando ver e entender como devotos de São Miguel recriaram propostas de anunciar e levar a palavra de Deus, o culto a São Miguel a seus pares, em tempos dos festejos religiosos, orientados por ensinamentos provenientes de torrões de oralidade afroindígena e afro-religiosa.

Cortando rios, furos, lagos, igarapés do município, foliões melgacenses, deixam suas casas, família e trabalho para participarem da peregrinação, esmolação, arrecadando donativos traduzidos em doações de patos, galinhas, porcos, peru, jabuti, tracajá, panes de plantas, fitas, flores, além de dinheiro. Quando os barcos que levam os foliões são pequenos e não comportam mais o presente dos promesseiros, o diretor da comissão decide vender alguns desses animais para esvaziar os barcos e abrir espaços para passageiros da folia donativos a serem recebidos em outros portos.

Seu Bernardo Ferreira, relatando suas experiências nas andanças com a imagem de São Miguel, desde quando seu pai, Luciano Ferreira, autor das cantorias da folia era o mestre-sala, há mais de 50 anos, lembrou das dificuldades enfrentadas quando em atividades festivas pelos rios do município, visitando casas de devotos do "Guerreiro Miguel". “Naquele tempo ainda era mais difícil do que hoje, porque nós saía no casco com remo de faia. É um trabalho muito grande, porque você tem que cantar o dia todo e tem vez que o cara fica baqueado da garganta”<sup>3</sup>. Entre elementos da cultura material indígena, africana e afroindígena, como casco com remo de faia coberto com palha de buçuzeiro, instrumentos como reco-reco confeccionados com taboca de bambu existente há mais de 70 anos, esses anunciadores da festa cantavam palavras de Deus e renovavam o culto a São Miguel. Não apenas por interesses econômicos, como a direção da paróquia chamou atenção em seus discursos proferindo a partir de 1995, ao decidir os rumos que deveria tomar essa manifestação popular em Melgaço, mas

---

<sup>3</sup> Entrevista com Bernardo Almeida, Melgaço, setembro de 2002.

porque acreditam nos milagres e bênçãos concedidas por Deus por intermédio desse Arcanjo, confirmando em suas falas dádivas e graças recebidas.

Na tentativa de captar o itinerário percorrido por esses tocadores e cantadores, preocupamo-nos em saber o tempo que passam em atividade e quais os rios atravessados. Seu Tavares, como que com um mapa do município desenhado em sua memória foi se expressando com a mesma facilidade que cantou a folia de São Miguel.

Quando nós fazia os dois roteiros o primeiro nos saía dia 10 de junho e chegava 10 de julho. Nós ia pelo Cutipereira, baixava Campinas, Carutá, Carnajuba, Machaqualim, boca de Breves, pedaço de Santa Isabel que vai pra Currallinho e o rio Tamucuri, rio de Breves até o Igarapé do Lago, subindo o Buiussu, pegava Macena, varava Pracaxi, pegava Jaburu, Mainardi e São Benedito, voltando pegava o Mugirum e chegava em Melgaço. Só que faz cinco anos que esse percurso não é feito. Esse roteiro foi eu que criei<sup>4</sup>.

Responsável pelas viagens que foliões de São Miguel faziam ao interior de Melgaço até a primeira década do século XXI, seu Manoel Tavares refez percursos, caminhos e atalhos realizados nos labirintuosos territórios que separam fisicamente o espaço urbano e rural do município. Seguindo tons de cantorias tatuadas em suas memórias e reencontrando-se com gentes, rios, matas e animais domésticos e da floresta, foliões trafegam por diferentes lugares de Melgaço com a imagem de São Miguel, festejando-o primeiramente com as populações rurais, no que podemos denominar de Festa na Floresta, por meio dos rituais da folia do padroeiro e depois com moradores urbanos, no espetáculo da Festa na Cidade.

Dividindo o município em três dimensões, dois grupos de foliões percorriam, a partir de junho, as localidades e comunidades católicas em grupos que começou a ser liderado por Luciano Ferreira, depois Hilário Mamede de Souza, Lauro Ribeiro e, em seguida por seu Manoel Tavares. O primeiro caminho descrito por esse último responsável, pode ser visualizado como o roteiro de Campinas, tradicionalmente conhecido na divisão geopolítica oficial e difundida nas instituições sociais da cidade, expandindo-se para as fronteiras Melgaço/Bagre, Melgaço/Breves, Melgaço/Currallinho. Em média são visitadas 30 casas, apenas duas não são Comunidades Eclesiais de Base. Tal processo de peregrinação e esmolação permite perceber interfaces sagrado/profano em atos de devoção que unem por mediações religiosas municípios do imenso arquipélago marajoara.

---

<sup>4</sup> Entrevista com Manoel Tavares, depoimento citado.



Deixando seu Tavares explicar o segundo momento de caminhada, seu depoimento assim foi se constituindo:

A segunda começava dia 01 de agosto e ia até o segundo sábado de setembro. Começa pelo rio Tajapuruzinho, Itajubá, Furo da Vila, Conceição, Cacujó, Cacualinho, Mapari Grande, Laguna, Tajapuru, pega o Rato, depois Carapanã Preto, Limão, Tajapuru, entra Buiussu do Gabaia, Rio Lourenço, Companhia, vara Jacaré Grande, Jacarezinho, Tajuri, Jaburu, vara o Lontra, pega o Companhia, baixa Tajapuru, entra Pauxis, entra Tambururi, vem no rio Conceição, retorna pelo Tajapuruzinho e vem pra Melgaço<sup>5</sup>.

Durante quarenta e cinco dias, visitando em média 45 casas, das quais em apenas cinco não funcionavam CEBs, foliões dirigidos por um mestre sala redesenham reencenando atitudes deixadas por Cristo em suas andanças nos diversos povoados que visitou, ligando a seu próprio modo de ser, moventes tradições católicas orais em espaços marajoaras. Cantando e rezando nas fronteiras Melgaço/Gurupá, Melgaço/Breves, Melgaço/Portel e Melgaço/Bagre, religiosidades são reinscritas nos fortes e esperados reencontros de populações separadas apenas por rios e matas, mas articuladas culturalmente em suas experiências de trabalho, festa, lazer, religiosidade, modos de ser e pressentir a vida em espaços da floresta.

Nesse segundo percurso, que pode ser denominado de roteiro do Tajapuru, um dos rios mais navegáveis do município, já que se encontra com o Amazonas, a arrecadação de donativos é maior do que nos demais. Em duas localidades - Orlando Vieira e Wilson Gonçalves Vieira - a chegada do santo, por ser tradicionalmente programada com maior antecedência, movimentava os moradores do entorno, construindo espaços para o festejar, fazendo o Arcanjo Miguel participar da vivência de diferentes rituais que relacionam sagrado e profano nesse episódio da festa na floresta.

Tudo começa com o recebimento e desembarque da folia pela comunidade local, após a saída da bandeira vermelha conduzida pelo alferes, seguida da imagem do padroeiro que é posta no centro da mesa na capela, salão de festa ou sala da casa da família visitada, improvisando altar de louvação, devoção e culto. A imagem do santo é trazida no colo por uma pessoa do local que, comumente, está pagando alguma promessa ou tem o desejo de carregar São Miguel. Esse ritual de recebimento é acompanhado pelas cantorias entoadas pelos foliões em passos ritmados em direção ao altar previamente destinado. A chegada na localidade onde

---

<sup>5</sup> Idem.

o santo vai pernoitar acontece a partir da 15h00, seguindo temporalidades das águas, nos jogos de enchentes e vazantes. As 20h00 é rezada a novena e a ladainha em homenagem a São Miguel, ao término o chefe da casa sai com uma toalha branca arrecadando dinheiro que é ofertado por romeiros, promesseiros e participantes. Depois desse ritual, tem início a festa dançante, com realização de bingos, leilões, sob a cadência das cantorias. Nessas duas localidades, todo o arrecadado, desde o pagamento de ingressos e o lucro da bebida vendida é entregue para o mestre-sala da comissão de foliões. Em outras localidades, conforme narrativa de seu Tavares, dirigentes de comunidade usam o nome do santo para conseguirem sucesso em programações visando interesses pessoais. Outros fazem aquilo que, na zona rural marajoara, ficou conhecido como "mucura", em que ao som de um gravador ou pequeno aparelho de disco de vinil e fita cassete, ribeirinhos-romeiros divertem-se até altas horas da madrugada.

Entrelaçando expressões do sagrado e do profano, cantadores, romeiros e curiosos vivenciam dimensões do "festar" e cultuar São Miguel, tanto na capela quanto no salão de festa em locais próprios ou improvisados. Esses cantadores, conscientes do papel social que desenvolvem, naquele contexto, sabem que não podem ultrapassar limites das orientações do chefe da comissão. Alguns, contudo, por reencontrarem amigos ou envolverem-se de corpo e alma nos territórios da festa profana acabam "agasalhando" o sagrado no canto da parede e esbaldando-se nas bebidas, dormem pelos cantos do salão que foi palco de suas alegrias.

Seu Tavares, comentando sobre essa questão, utilizou-se da pedagogia da tolerância para explicar como na condição de responsável pela comissão de foliões lida com atitudes dessa natureza.

O erro é humano. O mandamento manda você perdoar. Quando alguém erra, poderemos cobrir ele com a bandeira vermelha para redimir dos pecados. No sábado tem a estação de penitência na hora das Ave-Marias. De dois em dois são agraciados com a bandeira de São Miguel em um de seus ombros, durante as horas da oração<sup>6</sup>.

A partir dessa orientação, o mestre-sala coloca em evidência significados da bandeira da folia de São Miguel e de que maneira membros da comissão, ao caírem em tentação, afastando-se de suas responsabilidades religiosas, podem reencontrar novamente sentidos para continuar sua peregrinação. A bandeira simboliza o véu divino. Ser coberto de joelho traduz proteção e arrependimento. "Significa uma penitência, como um véu em cima de nós, pedindo

---

<sup>6</sup> Idem, Ibidem.

uma perseverança durante a semana e o perdão daquilo que não agradou a Deus e a São Miguel”, explica seu Tavares.

Nessas dimensões simbólicas, a bandeira vermelha é usada tanto para avisar que o santo está chegando na localidade e o barco está prestes a ancorar, quanto para redimir em ritos de Ave-Marias aos sábados, pecados cometidos por foliões e devotos de São Miguel, quando mesmo vivendo rituais religiosos populares, desviam-se de suas veredas.

De acordo com explicações dos foliões, há ainda a bandeira branca com o desenho de São Miguel que é usada para resguardar o santo. Acompanhando por onde entra esse símbolo, nos rituais da folia, importar ouvir a explicação feita por seu Tavares:

Depois que termina a ladainha pra São Miguel, o chefe da comissão pede licença pro proprietário da casa pra desembarcar o oratório de São Miguel (espécie de capelinha) e a bandeira branca. Essa é instrumento de segurança, protege o santo. Pela manhã quando nós já estamos de saída a primeira coisa que embarca é o oratório e a bandeira branca<sup>7</sup>.

Ligada ao oratório, onde os foliões guardam a imagem de São Miguel depois que encerram a celebração na capela, a bandeira branca fica estendida ou pendurada ao lado do oratório, em sinal de proteção e vigilância. Ao trazer a imagem do guerreiro Miguel, soldado romano, de acordo com fala de foliões, a bandeira branca ainda evidencia, em sua cor, a presença do Espírito Santo, religando a religiosidade marajoara com elementos utilizados em diversas folias de santos do catolicismo popular.

A diversidade de folias, letras, melodias, instrumentos musicais, signos e significados impressos nas peregrinações realizadas, possibilita pensarmos na multiplicidade de elementos presentes nos rituais e entender a forte ligação que elementos da cultura material utilizados têm com o mundo imaginário, real e sensível dos grupos sociais. Inscritos nos usos e sentidos a eles atribuídos, expressam emoções, afetos, agradecimentos, arrependimentos vivenciados pelos devotos de São Miguel.

Seu Manoel Tavares ao explicar sobre a letra e o tom das folias de São Miguel mencionou que “a folia não é só um jeito. Se ir explicar dá mais de 30. Você pode tirar em qualquer toada e falar outros versos”, abrindo espaço para captarmos sinais da infinita memória oral popular e injunções de culturas amazônicas e nordestinas no lado do meio norte paraense.

---

<sup>7</sup> Idem, *Ibidem*.

A folia começou nascendo em Melgaço com versos. Chegava um ali dizia um verso o outro daqui aí a gente ia debatendo, aí passava para a história, aí passava pra folia. Os historiadores da folia não existem mais. (...) A folia fez ter gosto de tambor que nem uma música se eu vejo uma menina ficar na frente eu posso tirar uma poesia da pessoa dela e depois e só traduzir bem e atuar. Eu já conhecia a folia em Melgaço, São Miguel tem folia própria pra santo<sup>8</sup>.

Seguindo estrutura ritmada e versos que podem ser evocados na hora da cantoria, foliões no interior de Melgaço foram em outros tempos, uma espécie de repentistas, *pelejando* e criando entre si rimas e versos no porfiar entre dois santos: o que estava na localidade e o que chegava em visita e esmolação. Nesse contexto, trocavam imagens, palavras e experiências religiosas no lidar com cultos diferenciados e semelhantes de santos do catolicismo amazônico. À proporção que proprietários de vilas e rezadores de folias foram desaparecendo desse cenário, tais tradições reconfiguram sua historicidade, em lembranças que trazem à tona antigos processos de comunicação. No envolver-se com outras formas de expressões de evangelização, oficializadas pela prelazia de Marajó, negociaram o seu "saber-fazer religioso", incorporando seletivamente ensinamentos carregados de erudição, abstração e desfocados do contexto no qual estavam inseridos. Ao ativarem suas percepções, co-relacionaram mundo sagrado com vivências cotidianas, inventaram estratégias para preservar e assegurar traços de suas difusas culturas afroindígenas, confrontando práticas de uma cultura erudita letrada que vem se expandindo na região.

Preocupados com olhares e atenções de diferentes protagonistas sociais na construção dessa experiência religiosa, no último dia da festa de São Miguel em 2002, fomos para alguns barquinhos ouvir impressões de ribeirinhos sobre suas experiências e lembranças a respeito dessa manifestação. Na entrada de um barco e na saída de outro, cruzamos com relatos de Doralice Pinheiro, devota de São Miguel, engajada na Comunidade Eclesial de Base Livramento, localizada no rio Tajapurú. Entre seus falares sobre a festa, retivemos como as Comunidades Eclesiais de Base, ou moradores de casas isoladas, vivem a chegada do santo.

Olha quando ele pernoita nas casas que fica próximo de casa, a gente vai rezar e também quando ele já está é... quase fechando a bandeira que sai, a gente pede pra ele visitar as casas da gente e ele vai, pelo menos na minha casa ele vai todo ano. Quando ele chega a gente se reúne, canta hino, reza a ladainha e convida os vizinhos, eu sei que sai bem organizado<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> Idem, Ibidem.

<sup>9</sup> Entrevista com Doralice Pinheiro Pinto, Melgaço, setembro de 2002.

O depoimento de Doralice traz dimensões de vivências religiosas no interior do município, colocando em evidência sentidos do envolvimento de ribeirinhos com a *Festa na Floresta*. Na peregrinação pelos rios de Melgaço, foliões com a imagem de São Miguel, ao deixarem a cidade já levam rascunhado em suas memórias os locais onde o santo vai pernoitar. Durante o dia em suas andanças de casa em casa, cantando e recebendo donativos e promessas, reencontram velhos conhecidos, reatam laços de amizade desenlaçados pela migração para a cidade. Esses foliões, antigos ribeirinhos, hoje moradores urbanos, retornam para seus espaços de origem compartilhando, com seus pares, retalhos de sua cultura que não se descolaram de seus corpos em meio a dificuldades para percorrer o município com a imagem de São Miguel.

A história dessa manifestação de fé, devoção e renovação de identidades fragmentadas, vem sofrendo alterações no decorrer de sua trajetória. De acordo com narrativas de seu Manoel Tavares, a folia deixou de percorrer o município durante três anos, 1999 a 2001, em função de atitudes adotadas pelas atuais dirigentes da comunidade Filhas da Divina Graça, responsável pela paróquia de Melgaço.

A folia foi esquecida por motivo das irmãs com o padre. Eu passava a folia quando eu morava no município de Melgaço, passava por causa e eu gostava de acompanhar. Eu entrei quando eu vim do interior morar na cidade. Desde de lá eu me tornei mestre-sala<sup>10</sup>.

Durante os anos que a comissão de foliões não saiu para realizar a Festa na Mata, a paróquia orientou os dirigentes das CEBs a virem até a sede buscar a imagem do santo e realizar os rituais, retornando para a cidade com donativos, promessas e dinheiros arrecadados. Polêmicas em torno da decisão adotada tomaram conta da Melgaço em relação a festa de seu padroeiro. De um lado, religiosas oficiais argumentavam que os foliões exploravam a paróquia porque cobravam até 50% do dinheiro arrecado nas peregrinações, ferindo o papel que deveriam adotar enquanto membros da igreja. “Todo trabalho religioso deve ser uma doação”, comentou irmã Eunice. Do outro lado, foliões, membros da igreja e moradores urbanos combatiam a atitude tomada pela paróquia, reclamando das restrições da tradição.

Rumores dessa polêmica também foram ouvidos e sentidos por moradores do interior do município. Na perspectiva de captar sentidos sobre essa alteração na forma como o santo passou a chegar nas CEBs, Doralice também se posicionou.

---

<sup>10</sup> Entrevista com Manoel Tavares, depoimento citado.



Quando o santo não vem nós visitar, olha representa uma tristeza porque ele não sai com os foliões completo, porque eu ouvi falar que os foliões tavam ganhando a mais do que deviam, né, então a gente era que tinha que rezar a ladainha e ficar com ele dois, três dias na comunidade<sup>11</sup>.

A presença dos foliões, com seus instrumentos musicais e cantorias, dá sentido à presença do santo nas comunidades rurais em tempos de anúncio da festa. A ausência desses guardiões de tradições orais aparece no depoimento de Doralice ao assumir corte frontal no reavivamento das experiências, deixandoromeiros entristecidos, inseguros, levando-os a perderem ou desconhecere ritos do seu próprio universo de vivências religiosas.

Em 2002, a comissão de foliões voltou a percorrer o município por intermédio da promessa política feita, em tempo de campanha, pelo prefeito que atualmente dirige Melgaço. Doando barco, óleo diesel, comida e realizando pagamento de salário mínimo aos foliões, a prefeitura responsabilizou-se pelo retomar das tradições no culto a São Miguel realizado na zona rural. Elemento importante nessa luta por preservar dimensões vividas não foi apenas o fato de o prefeito ser católico e expressar devoção a São Miguel, mas a cobrança dos moradores do interior o levou a colocar em seu plano de gestão o retorno do santo, com foliões, no período da festa.

O forte significado que possui o cantar dos foliões, com seus instrumentos, na vida de moradores situado nas margens dos rios de Melgaço e nas fronteiras dos "Marajós das Florestas", pode ser acompanhado nas pressões para que a festa retomasse suas manifestações. Tal situação faz pensar nas considerações de Brito (1996, p. 181), quando argumenta que “a recorrência a imagens e sons para realçar as palavras são recursos utilizados pela oralidade para articular e reforçar a importância e o efeito de um momento”. Apesar de estar trabalhando com as memórias de José Camilo, beato do movimento de Pau de Colher(BA), as formulações de Brito abrem possibilidades para estabelecermos conexões entre imagens e sons, acompanhando expressões faciais e tonalidades nas vozes de cantadores da folia de São Miguel, permitindo melhor compreender populações marajoaras que, imersas em matrizes orais expressam-se em cantos e benditos a partir de ícones da memória, não necessitando grafá-las em suportes do universo letrado.

### **Musicalidade na Floresta**

---

<sup>11</sup> Entrevista com Doralice Pinheiro Pinto, depoimento citado.

A voz ao incorporar o gestual, a mímica e a sonoridade, realça, conforme Zumthor (2000), efeitos e alcances. Na simbiose voz, gesto, oralidade e musicalidade, tocadores de instrumentos rústicos, com materiais extraídos da própria floresta, unem essas dimensões ao entoarem cantos religiosos em homenagem a São Miguel, Nossa Senhora e à Trindade Santa, expressando reencontros, festas e vivências. “Eu me sinto alegre de tá com os parceiros da gente cantando. A gente anda, conhece as pessoas tem intimidade com elas, pra mim é uma felicidade”<sup>12</sup>. O grupo de foliões composto por diretor de comissão, mestre-sala, alferes da bandeira, violeiro, tamboreiro, ao aceitarem nosso pedido para que entoassem uma melodia criada, reencenando as relações com habitantes da mata melgacense por meio das cantorias, possibilitaram pensarmos nessas mediações.



**Imagem 2:** Forte presença afroindígena na condução da folia de São Miguel. Acervo de Laercio Cruz Esteves, 2013.

Apresentando-se difíceis de serem transcritas, as cantorias faziam constantemente voltarmos à fita gravada. Não conseguíamos transformar sua sonoridade em letra grafada no papel. Mesmo ajudados por cantadores e tocadores como Manoel Tavares, Bernardo e Manoel Braga, em vários momentos estes, por terem marcado ritmo e letra no inconsciente de suas memórias, também sentiam dificuldades de informar seus versos isoladamente. Precisávamos, constantemente, voltar ao início para que som e musicalidade fossem dando vida à letra.

<sup>12</sup> Entrevista com Bernardo Ferreira de Lima, violeiro da folia, Melgaço, julho de 2003.

Passamos a perceber que a letra em si pouco representa quando tentam tomar suas tradições de oralidade e musicalidade sem o acompanhamento de sua sonoridade. Ou melhor, sem o toque dos instrumentos que lhes atribuem ritmo. Mesmo compreendendo os limites e a parcialidade de transformar em letra algo que não se descola de seu ritmo, expressando devoção e culto a São Miguel, tentamos compreender os sentidos que esses cantadores, homens que detém quase que exclusivamente a letra e o som das folias, atribuem a essas experiências de peregrinação, relacionados com sentidos da Festa na Mata.

As folias que compõe o ritual de esmolação nas comunidades rurais são sete. *A folia da chegada*, que pede permissão para o santo pernoitar ou passar algumas horas naquela localidade ou residência; *a folia da Ave Maria ou das 18 horas*, que invoca a Virgem Maria para que abençoe aquele lar e família; *folia de agradecimento a alimentação*, que agradece aos donos de casa pela alimentação recebida; *folia da hora da ladainha*, entoada no início da ladainha convidando a comunidade local a participar do culto a São Miguel; *folia do término da ladainha*, que agradece e faz pedidos de perdão; *folia de despedida*, feita quando os foliões preparam-se para deixar aquela localidade ou residência, é uma cantoria de despedida e agradecimento pela acolhida que tiveram, prometendo voltar no próximo ano e *folia de chegada*, que é uma despedida das comunidades rurais, preparando para a chegada à cidade e à residência do padroeiro: a igreja da matriz.

Atentos a letra e ao sentido que atribuem a essa expressão de religiosidade popular nos Marajós, surpreendemos fortes códigos de comunicação constituintes de matrizes de oralidade expressas na voz, ritmo e modos de usar as palavras. Lembrando a fala de seu Bernardo, de que o pai *via e foi botando aquilo na cabeça*, podemos entender a composição dessas folias como proposta de evangelização que liga o universo oral das vivências e experiências com códigos letrados difundidos por evangelizadores, desde os tempos da presença dos religiosos de Vieira nessas terras. Ouvindo a leitura da Bíblia, legionários dominicais ou pregações de religiosos consagrados pela igreja oficial, ribeirinhos melgacenses incorporaram tais pregações selecionando o que tem forte ligação com seu mundo real, imaginário e religioso.

Ao observarmos que a presença da maioria desses foliões, nas cenas religiosas do município, ocorre constantemente, em função da saída da comissão para o interior do município e que, passado esse período, a maioria fica ausente das celebrações e programações na igreja

da matriz, elaboramos questões no processo de entrevista que ajudassem a entender essa prática na vida dos foliões.

“Pra mim eu fazendo minhas orações diárias eu tou cumprindo minha obrigação”<sup>13</sup>. O depoimento de seu Bernardo permite pensar como agentes históricos, formados entre outros princípios de religiosidade, têm dificuldade para se enquadrarem em projetos de evangelização, que pouco valorizam sua cultura, seu jeito de ser, compreender, ler o mundo e fazer devocional. Baseados em suportes de evangelização assegurados em modelos de culturas letradas, com exigência do domínio de códigos escritos, os projetos de evangelização implantados nos Marajós, ainda hoje não conseguiram atrair para seu movimento homens, mulheres e crianças formados nos princípios de um catolicismo popular. Preferindo rezar sozinho, dialogar com Deus em casa, na roça, em sua casa de farinha ou em qualquer outro lugar por onde esteja, seu Bernardo explica de que forma construiu sua própria forma de louvar e cultuar Deus e São Miguel quando está distante de seu instrumento musical.

A identidade de rezadores, tocadores e cantadores dos foliões desaparece no cenário da cidade, durante os meses de outubro a julho. Mesmo morando em Melgaço, esses protagonistas da folia, por trabalharem diariamente na construção de roças de mandioca, parece habitarem o interior do município. Suas ações ficam silenciadas, confundindo-se com os muitos trabalhadores rurais anônimos que habitam a "Cidade-Floresta". O papel social que desempenham como anunciadores da festa, os faz serem tanto sujeitos urbanos, como rurais, experimentando e fazendo dialogar esses modos de vida aparentemente contraditórios, mas que seguem ritmos de entrosamento.

Após a festa, a visibilidade de suas movimentações parece ser feita clandestinamente na cidade de Melgaço. Isso faz pensar não somente nesses tocadores e cantadores, mas também em todos os outros trabalhadores rurais (pescadores, palmiteiros, trabalhadores de madeira, agricultores) que moram na sede do município e parecem fazer pouco uso dos serviços urbanos por ela ofertados.

Enquanto os habitantes da floresta melgacense despedem-se da imagem de São Miguel, que ficou 30 a 45 dias percorrendo espaços e moradas ribeirinhas, a "Cidade-Floresta" veste-se para receber seu padroeiro. A igreja e a barraca do santo são pintadas, assim como os salões de festas, habitações e casas de comércio. O altar da igreja recebe novas flores, criando um

---

<sup>13</sup> Entrevista com seu Bernardo Ferreira, depoimento citado.

ambiente festivo nesse espaço marajoara, que aguarda ansioso do espetáculo da "Festa na Cidade". As palavras da professora Jurema Pacheco sintetizam a relação da Festa na Floresta com a Festa na Cidade mediadas pelas partidas e chegadas de São Miguel Arcanjo.

O tempo da festa de São Miguel em Melgaço é mágico. Quando as pessoas escutam os fogos de saída ou chegada da folia do santo, elas deixam tudo o que estão fazendo para despedir-se ou receber seu padroeiro. O ponto de encontro é a "cabeça do Trapichão". A cena mexe muito com nossa fé e emoção. Estar ali para se despedir e pedir as bênçãos de seu protetor ou aplaudi-lo em sua chegada, é essencial para continuar vivendo<sup>14</sup>.

### Últimas Palavras

Pensar a folia de São Miguel como o maior patrimônio do afeto do melgacense católico é refletir sentidos do reconhecimento e laços de pertencimento tecidos entre devoto e santo peregrino. Na voz da professora Jurema Pacheco, devota de São Miguel, apreendemos visão da folia como patrimônio e necessidade de os moradores de Melgaço lutarem, via movimentos memoriais, pela preservação do bem cultural.

A folia de São Miguel é um patrimônio porque é um bem cultural, é uma expressão da Arte Ancestral deixada pelos nossos antepassados e faz parte da cultura e da identidade melgacense. Possui uma beleza, provoca reflexão, emociona, desperta a fé de católicos e faz os foliões sentirem-se valorizados. Tenho certeza que quando eles são convidados para tocar a folia sua alta estima se eleva. Eles se sentem úteis, as pessoas tradicionais sentem-se felizes em mostrar o seu trabalho, a sua religiosidade, a sua arte. Além dos mais, as futuras gerações precisam conhecer essa tradição e vivenciá-la como parte de sua fé, de sua vida porque é um bem imaterial que está ligado a uma coletividade, a uma comunidade, por isso precisa ser cuidada, preservada, praticada pelas futuras gerações<sup>15</sup>.

Em texto de apresentação das Festividades do Glorioso São Sebastião na Região do Marajó, registradas no Livro de Celebrações em 2013 como bem do patrimônio cultural imaterial brasileiro no site do IPHAN, ganha destaque o ciclo festivo das manifestações. Abre-se o tempo da esmolação, que, de acordo com cada município, pode durar entre duas semanas a seis meses, quando a comissão de foliões percorre comunidades e localidades da região para levar o santo com suas cantorias e ladainhas. Entre pedidos e agradecimentos de graças alcançadas, os devotos presenteiam o santo com diferentes objetos, gêneros, produtos e quantias

<sup>14</sup> Entrevista com a prof. Jurema Pacheco Viegas, Melgaço, 23/02/2017.

<sup>15</sup> Entrevista com a prof. Jurema Pacheco Viegas, Melgaço, 23/02/2017.



em dinheiro. Expressões de destaque da presença do santo nesses lugares, folias e ladainhas revelam “repertórios próprios e específicos para cada situação”. A luta pelo reconhecimento fez nascer uma política cultural de transmissão dos saberes que antes era feita em convivências familiares, de geração a geração. Nos dias atuais, são realizadas oficinas para ensinar as cantorias e confecção de instrumentos musicais para diferentes faixas etárias. A ação social contribui para a preservação e continuidade do bem cultural. Tal experiência marajoara também reforça a necessidade de luta pela memória da folia de São Miguel como campo da cultura, da história, do afeto, da transmissão de saberes e incentivar práticas de defesa de seu registro como patrimônio cultural de Melgaço (THOMSON, 1997).

## Referências

ABREU, Martha. **O império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900**. 3ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: FAPESP, 1999.

ABREU, Regina. “Tesouros humanos vivos” ou quando as pessoas transformam-se em patrimônio cultural – notas sobre a experiência francesa de distinção do “Mestre da Arte”. In: ABREU, Regina e CHAGAS, Mário. **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009, pp. 83-96.

ANTONACCI, Maria Antonieta. Corpos sem fronteiras. **Projeto História**, v. 25, São Paulo, dez/2002, p. 145-180.

BEOZZO, José Oscar. A Igreja entre a revolução de 30, o Estado Novo e a Redemocratização. In: PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira [et.al.]. **O Brasil Republicano**, tomo III: economia e cultura (1930-1964). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BRANDÃO, Carlos. **Prece e Folia, Festa e Romaria**. Aparecida/São Paulo: Ideias & Letras, 2010.

BRITO, Gilmário Moreira. **Pau de Colher: na letra e na voz**. São Paulo; Educ, 1996.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Tradução Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade: Unesp, 2001, p. 11-29; 125-173; 205-237 (Introdução, a consagração do monumento histórico e o patrimônio histórico na era da indústria cultural).

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. 3. Ed. Rev. Ampl. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

FUNARI, Pedro Paulo e PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio Histórico e Cultural**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

GAETA, Maria Aparecida Junqueira Veiga. A Cultura clerical e a folia popular. **Revista Brasileira de História** (On-line), São Paulo, v. 17 n. 34, 1997, p. 183-202.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. Culturas Visuais entre a Arte e o Patrimônio. In: **A Sociedade sem Relato: Antropologia e Estética da Iminência**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: Edusp, 2012, p. 65-98.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O Patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina e CHAGAS, Mário. **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009, p. 25-33.

HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. **Vária História**, Belo Horizonte, vol. 22, nº 36, Jul/Dez 2006, p. 261-273.

MAUÉS, Raymundo Herald. **Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico**. Belém: CEJUP, 1995.

NEIVA, Ivany Câmara. “Devoção na folia: comunicação popular, permanências e transformações”. **Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Santos, 2007.

PELEGRINI, Sandra C. A. e FUNARI, Pedro Paulo. **O que é Patrimônio Cultural Imaterial**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

PEREIRA, Luzimar Paulo Pereira. O Giro dos Outros: fundamentos e sistemas nas folias de Urucuia, Minas Gerais. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, 2014, p. 545-573.

\_\_\_\_\_. **Os giros do sagrado: um estudo etnográfico sobre as folias em Urucuia, MG**. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. Os sacrifícios da carne: a morte do gado e a produção dos banquetes nas folias de Urucuia, MG. **Religião e Sociedade** [online], v. 32, n.1, 2012, p.71-96.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral como Arte da Escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

POULOT, Dominique. A razão patrimonial na Europa do século XVIII ao XXI. CHUVA, Márcia (Org.). **História e Patrimônio - Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 34, Brasília, 2011, p. 27-43.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a Memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. **Projeto História 15**, São Paulo, EDUC, Abril/1997, p. 51-71.

VELHO, Gilberto. Patrimônio, negociação e conflito. **Mana**, vol.12, n.1, 2006, p. 237-248.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.



ZUMTHOR, Paul. Performance, Recepção, Leitura. São Paulo: EDUC, 2000.